CinePsi: fazer e pensar psicologia na articulação com cinema.

Resumo: Observando o uso frequente de filmes como estratégia metodológica de ensino no curso de Psicologia da Universidade Católica de Petrópolis e as referências à filmes que os estudantes colocam em discussão nas aulas tomamos como fio condutor dessa pesquisa o que pode produzir a articulação Cinema e Psicologia. Interessa-nos de que maneira conteúdos curriculares emergem nos discursos de estudantes e professores e engendram formas de pensar e fazer psicologia. Para tal foi criado o CinePsi que consiste em reuniões mensais para assistir e debater filmes selecionados por professores e estudantes do curso de Psicologia com conteúdos que atravessam as disciplinas curriculares. Neste dispositivo as expertises estão diluídas, não há palestrante e a seleção do filme é negociada com os participantes. O material alvo das análises são as gravações dos debates realizados após a exibição e o rastreamento de comentários, compartilhamentos de textos, sugestões de outros filmes e discussões disparadas pelo encontro no CinePsi em redes sociais que conectam os atores envolvidos. Como inspiração metodológica, convocamos a teoria ator-rede utilizando as ferramentas do campo de estudos da Ciência Tecnologia e Sociedade, destacando o trabalho desenvolvido por Latour (2008) entre outros autores, priorizando uma boa descrição como estratégia para produção de análises que evidencie a dimensão política da pesquisa seguindo os atores em ação e tendo em mente que fazemos existir realidades. Deleuze (1990) explica o dispositivo como “máquinas de fazer falar e de fazer ver”. Nessa direção objetivamos deixar falar com o CinePsi estudantes e professores, tornar visíveis os discursos que fortalecem ou produzem. Tal espaço configura-se como um espaço-tempo privilegiado para que sejam produzidas e evidenciadas subjetividades em circulação na formação psi. A pesquisa iniciada em setembro de 2014 e ainda em curso apontou um recorte das reflexões em torno de questões emocionais e familiares dos personagens que, problematizado nos encontros, nos parece consequência de uma prática psi que toma este como seu campo de atuação e, consequentemente, destaque na formação. Apostamos no CinePsi, como tecnologia educacional mediadora favorecendo o questionamento da centralidade da ciência e articulação com outros modos de pensar e produzir conhecimento.

INTRODUÇÃO

A pesquisa que ora apresentamos se iniciou com a realização de um curso de curta duração na Semana do Centro de Ciências da Saúde (CCS), em agosto de 2012, na Universidade Católica de Petrópolis (UCP) com o título “Mídia e Psicologia”. A proposta foi discutir os efeitos das diferentes mídias na produção de subjetividades trabalhando recortes de revistas, propagandas, filmes e telenovelas. Os participantes do encontro organizaram um grupo de discussões no Facebook para troca de textos e reflexões que funcionou nos dias seguintes aos encontros, mas logo diminuiu a interação ficando inativo em poucos meses. Um pequeno grupo de estudantes permaneceu articulado em reuniões semanais. Associamos-nos partindo de um ponto compartilhado, porém com estudos desenvolvidos em direções diferentes compondo um grupo de pesquisadores com interesses no processo de produção de subjetividade, nos efeitos da mídia na medicalização da vida, nas possibilidades de invenção e aprisionamento das redes sociais, na formação em Psicologia e no uso de vídeos como metodologia de ensino universitário.

Estudar Mídia e Psicologia nos permitia seguir múltiplos caminhos. Precisávamos de um fio para delinear um grupo de pesquisa. Neste período atendendo aos pedidos dos estudantes a coordenação do curso de Psicologia solicitou que um professor organizasse encontros para exibição e discussão de filmes pertinentes à formação em Psicologia. Já discutíamos o uso de filmes e vídeos como recurso didático frequentemente utilizado por professores do curso e espontaneamente por estudantes quando entendem que estes podem cooperar com o aprendizado. Esse uso, em geral, se justifica pela crença dos filmes oferecerem uma ordem de experiência que os textos didáticos não oferecem, nem os estágios supervisionados podem garantir. Tal prática é difundida para além da Universidade em listas de filmes divulgadas na internet e revistas especializadas indicando filmes para entender relacionamentos, transtornos mentais ou mesmo a atuação da Psicologia. Escolhemos analisar o uso de filmes como recurso metodológico na formação em Psicologia. Interessa-nos de que maneira conteúdos curriculares emergem nos discursos de estudantes e professores e engendram formas de pensar e fazer psicologia. O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UCP.

Em setembro de 2014 criamos um espaço na UCP para exibição e discussão de filmes que optamos chamar CinePsi. Os filmes são selecionados a partir de interesses identificados nos discursos dos estudantes em sala de aula e nas publicações dos mesmos no Facebook, em um

grupo formado por estudantes e professores do curso, com interação diária, no qual se tornou rotineira a indicação de filmes para o CinePsi. Após a exibição acontece um debate iniciado com as questões apontadas pelos participantes e intensificado por provocações dos integrantes do grupo de pesquisa. As discussões são gravadas e transcritas para análise posterior.

A intenção é que este seja um espaço de *expertises* diluídas, mas não fazemos esta afirmação de maneira ingênua. Mesmo negociando abertamente a escolha do filme com os interessados o grupo decide o que será exibido apostando no potencial para promover discussão de temas que atravessam a formação em Psicologia e que não são diretamente abordados no currículo do curso. Não direcionamos a discussão permitindo que os participantes mostrem o que os convoca ao debate, no entanto, os questionamentos feitos pelos integrantes do grupo são de acordo com o que acreditávamos ser uma temática importante. Entendemos que estes aspectos associados ao fato de um professor conduzir a atividade que abertamente é apresentada como coleta de dados para pesquisa são interferências que precisam ser consideradas. Sabemos com Despret (2011) que o aparato investigativo é construído de modo a colocar o sujeito, isto é, aquele que é o alvo da investigação, no lugar de objeto, um lugar passivo e destituído de *expertise*. Esta ao contrário, é condensada no polo do pesquisador: é ele quem sabe dos objetivos da pesquisa, ele quem formula as questões e faz as análises. No entanto, em suas análises dos dispositivos de pesquisa experimental em psicologia, a autora sinaliza que participar de uma pesquisa, aceitar responder perguntas, preencher formulários, é, antes de tudo, um acordo, um pacto que se estabelece com o outro. Há neste engajamento uma abertura ao outro, ignorada no modelo tradicional de fazer pesquisa. Reconhecemos e colocamos em análise esse pacto.

Para esta pesquisa escolhemos não seguirmos métodos rígidos e objetivos, com passo a passo pré-estabelecido, que nos parecem mais simples e seguros, no entanto menos interessantes. Optamos por seguir inspirações metodológicas partindo da cartografia, método desenvolvido por Passos e Barros (2009) utilizando Deleuze e Guatarri (1995) ao apresentarem a cartografia como característica do Rizoma. De acordo com os autores, o sentido tradicional de método está impresso na própria etimologia da palavra método: metá (metas) – hódos (caminho), ou seja, caminho pré-determinado pelas metas. Não adotarmos um método de pesquisa é pensar *"Não mais um caminhar para alcançar metas pré-fixadas (metá-hódos), mas o primado do caminhar que traça no percurso suas metas"* (PASSOS e BARROS, 2009, p.17).

Convocamos a teoria ator-rede utilizando as ferramentas do campo de estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade, destacando o trabalho desenvolvido por Bruno Latour (2008), entre outros autores, cujos princípios norteadores são os seguintes: (1) *"uma boa descrição dispensa explicações"*[1]; (2) toda pesquisa tem uma dimensão política que não pode ser negligenciada, ou seja, o pesquisador deve ter em mente que realidades faz existir, quem ou o quê se beneficia ou prejudica com sua pesquisa; (3) não há narrativa ou pesquisa neutra; e (4) talvez o mais polêmico: todo conhecimento é situado, e a tarefa do pesquisador consiste em seguir os movimentos dos atores onde este se dá, entendendo como ator tudo o que *"faz fazer coisas"*[2] seja este humano ou não humano.

A postura assumida nos impele a pensar essas práticas e também nos pensar enquanto atores no processo. Nessa pesquisa não temos a ilusão de atuar como observadores isentos, mas reconhecemos que fazemos parte desse cotidiano e agimos sobre ele. Apostamos no CinePsi como espaço que nos permitirá entender como filmes são escolhidos para o uso na formação em Psicologia, quais temáticas são privilegiadas e como esse uso produz uma determinada forma de pensar e fazer psicologia e, principalmente, como um espaço de intervenção na formação Psi que possa abrir outras possibilidades de articulação entre saberes e interesses.

---

1 Latour defende que um bom texto descreve o que foi observado na pesquisa, falando junto com os atores, acompanhando seus movimentos, mantendo as palavras que utilizam, rastreando suas conexões, sem buscar "significados ocultos".

2 Se entendermos "subjetividade" como um processo em constante produção, no qual estão implicados o ambiente, a cultura, as relações sociais, os humanos e os não humanos, começamos então a pensar na perspectiva da "rede de atores". Esses atores ou actantes são coisas, pessoas ou instituições que têm agência, ou seja, que produzem efeitos no mundo e sobre ele, que fazem fazer coisas.

CINEPSI: FAZER E PENSAR PSICOLOGIA NA ARTICULAÇÃO COM CINEMA.

> "A teoria dos terapeutas constrói a patologia de que eles cuidam" Tobie Nathan.

O curso de Psicologia na Universidade Católica de Petrópolis (UCP) existe desde 1976, foi primeiramente pensado pelo professor Hanns Ludwig Lippmann, um dos difusores do ensino da Psicologia no Brasil. Ele, que teve parte de sua formação realizada no Laboratório de Psicologia Experimental na Universidade de Leipzig, na Alemanha, pouco é citado durante o curso. No entanto, é possível observar um interesse considerável no ensino e aprendizagem da Psicologia Experimental na vida pelos corredores e salas da Universidade, onde essa herança funciona como um espectro que direciona as formas de ensino que o curso oferece e prioriza.

A Psicologia é pensada como uma vasta disciplina científica, talhada nos moldes de uma ciência positivista, que comprova suas evidências e trabalha na segurança de métodos objetivos. O curso, enquanto oferta na cidade, oferece a formação como uma gama de possibilidades de atuação profissional (*Psicologia Escolar/ Educacional, Clínica, Organizacional e do Trabalho, Social Hospitalar, do Esporte, Jurídica, Trânsito, Neuropsicologia, Psicomotricidade, e Psicopedagogia),* no entanto, o que se experimenta no cotidiano do curso é um pensar a psicologia enquanto clínica, escolar e/ou organizacional, sendo estes os estágios oferecidos dentro da grade curricular.

Existem atividades temáticas que feitas na forma de palestras, mini cursos, seminários entre outros, inserem novos temas, novos recortes da Psicologia que não apenas aquele da Psicologia Experimental. Eventos extracurriculares permitem a abertura para novos campos, para futuras atuações destes profissionais em formação. Aqui se experimenta os conhecimentos que a Psicologia enquanto uma vasta disciplina pode ter. É justamente neste espaço de abertura que o dispositivo CinePsi se insere, a partir de um mini curso.

Dentro da perspectiva da produção de subjetividade o nosso dispositivo se configura como um instrumento que possibilita outras formas de pensar sobre si mesmo, sobre o mundo e sobre questões que tocam a parte da formação como psicólogo. Guattari (1996, p.32), aponta que “a subjetividade não se situa no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material”, sendo a produção da fala, das imagens, da sensibilidade, do desejo,

adjacente a um grande múltiplo de processos de produção maquínica, mudanças históricas e de valor de agenciamentos sociais. De certa forma, a produção de subjetividade se configura dentro do valor cultural corrente.

> "Parto da ideia de uma economia coletiva, de agenciamentos coletivos de subjetividade, que, em algumas circunstâncias, em alguns contextos sociais, podem se individuar. (...) A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais de diferentes tamanhos: ela é essencialmente social, e assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares." (GUATTARI, 1996, p.33)

O conceito de subjetividade, ganha maior destaque com o declínio do conceito de identidade (que esbarraria numa ideia de "igual" ou "idêntico"). De certa forma, como Prado Filho e Martins (2007) colocam, o subjetivo e a subjetividade saem "do campo da psicanálise", e acaba sendo "encontrado", passando a pertencer aos domínios das psicologias na primeira metade do século XX, no entanto, somente no final do já citado século é que começa a ser pensado como algo histórico, social e político, "despindo" um sentido naturalizado e substancializado de interioridade. De certa forma, a subjetividade nasce com uma ideia de algo "íntimo", no interior, algo que tange um aspecto psicológico pessoal, e posteriormente, é avaliado como algo que se constrói em uma dinâmica social.

> "Em verdade o conceito de subjetividade passa do campo da psicanálise para os domínios das psicologias na primeira metade do século passado, mas é somente no seu final que ele se despe de um sentido naturalizado e substancializado de interioridade, passando a ser pensado em termos históricos, sociais e políticos – como produção de subjetividade – apresentando-se contemporaneamente como objeto possível para muitas psicologias de cunho crítico, como alternativa a uma problematização da 'identidade', exatamente por buscar dar conta das diferenças." (PRADO FILHO, 2007, p. 16).

A dissociação dos conceitos de indivíduo e de subjetividade surge como um dos pontos principais para Guattari (1996, p.31), alegando que o primeiro conceito estaria ligado a um resultado de um modelo de produção de massa "serializado, registrado e modelado", além de utilizar a perspectiva da Psicanalise Freudiana para demonstrar a precariedade de uma noção de totalidade do ego (consciente versus inconsciente). A subjetividade, por outro lado, se coloca como "fabricada e modelada no registro social".

Há um viés dentro da produção de subjetividade que reflete as questões hegemônicas da sociedade pós revolução industrial, onde o ideal mercadológico, capitalístico se configura como norteador de demandas e produtor de subjetividades. Há a possibilidade de pensamento sobre si e sobre o mundo em que vivemos de acordo com os valores e ideias hegemônicas capitalísticas e

maquínicas, ou há a possibilidade da construção de um pensamento que contempla a singularidade que se apresente em contrapartida com o movimento massificante da ideia antagônica anterior.

As subjetividades, de acordo com Guattari (1996) podem ser produzidas de uma maneira a promover uma homogenização, que tange a manter as estruturas e não trazer questionamentos que possam ser benéficos para a vida das pessoas na sociedade; ou podem se criar singularidades, em que temos o aspecto crítico e reflexivo acerca das questões e processos sociais, assim como das suas dinâmicas, contextos e objetos. Para Félix Guattari (1996, p.25), a subjetividade teria uma natureza industrial, maquínica, sendo de forma "fabricada, modela, recebida e consumida"; sendo uma perspectiva contrária à tradição filosófica e das ciências naturais, que veem o sujeito como "algo do domínio de uma suposta natureza humana".

> "Tudo é produzido pela subjetivação capitalística – o que nos chega pela linguagem, pela família e pelos equipamentos que nos rodeiam – não é apenas uma questão de idéia, não é apenas uma transmissão de significações por meio de enunciados significantes. Tampouco se reduz a modelos de identidade, ou a identificação com pólos maternos, paternos, etc. Trata-se de sistemas de conexão direta entre as grandes máquinas produtivas, as grandes máquinas de controle social e as instâncias psíquicas que definem a maneira de perceber o mundo." (GUATTARI, 1996, p.27).

Utilizar um dispositivo baseado na apresentação de filmes com conteúdos pertinentes à Psicologia como uma ferramenta educacional traz os alunos a pensar em situações não propostas dentro do quadro normal de programação de atividades e disciplinas dentro do curso da faculdade. Esse material que toca em questões políticas e éticas, do dia a dia de temáticas inclusas na psicologia, pode ser localizado como um espaço único e que traz a possibilidade da formação de um pensamento crítico, que se dá conta de um panorama maior de situações vividas, além do próprio questionamento sobre o papel do psicólogo na sociedade.

O QUE PODE PRODUZIR O CINEPSI?

Dentro da apresentação de cada filme, há um desdobramento criado pelos questionamentos ou perguntas daqueles presentes no espaço destinado para a exibição. Alunos de

diferentes estágios do curso de Psicologia, assim como Professores da disciplina, profissionais já formados e aqueles que tenham curiosidade fazem parte da composição de pessoas presentes nesse dispositivo, de certa forma, nesse ambiente, temos uma forma de interação mais horizontal, sem o distanciamento nas salas de aula ou até mesmo do profissional formado e o em formação. O próprio encaminhamento dado pelas pessoas faz fluir o que é levantado para debate, e esse local em dinâmica constante vai trazendo novas maneiras de se pensar sobre as temáticas presentes no filme. De certa maneira há uma produção de subjetividade dentro desse fluir e devir, que permite outras maneiras de se olhar para elementos novos ou já conhecidos.

Nossos primeiros encontros tinham o objetivo de buscar um ponto de convergência para montagem de um grupo de pesquisa. As reuniões se davam no prédio do Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade, e lá pensamos, discutimos e lemos alguns textos que foram presentes nos percursos que cada um tinha feito até o momento na Psicologia. Nesses encontros apostamos no CinePsi como espaço de formação e dispositivo de análise.

E foi pensando a ligação possível entre Mídia e Psicologia que realizamos nossa primeira exibição na Universidade com o filme “O show de Truman” (Peter Weir, 1998), pois ele nos era a evidência mais clara desta ligação que nos servia de guia. Seguimos, após a exibição que se deu no Anfiteatro – espaço onde alguns de nós tivemos aulas de neuroanatomia -, com um debate proveitoso. Sem roteiro, sem direções claras, discutimos abertamente. Estávamos extasiados, empolgados, e fomos agraciados com um número significativo de alunos que discutiam, falavam abertamente tão empolgado quanto nós.

Ao final da discussão, encontramos com professores que vieram até ao anfiteatro apenas para nos parabenizar, para “saber como foi”. E assim seguimos, com interesse em experimentar mais ainda este espaço que estava se criando na Universidade, pensando nos próximos eventos. Com sugestões dos participantes da pesquisa, baseando-nos no que surgiu na primeira discussão, escolhemos para a segunda edição do Cinepsi o filme Medianeras - Buenos Aires na era do amor virtual (Gustavo Taretto, 2011).Esta segunda edição do Cinepsi contou com a exibição e discussão do filme Medianeras - Buenos Aires na era do amor virtual (Gustavo Taretto, 2011). Tal edição manteve o caráter experimental focando na reflexão da psicologia com o cinema. As leituras dos textos *A sociedade de controle* (Deleuze, 1990) e *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização* (Suely Rolnik, 1997) orientaram possíveis

problematizações de questões abordadas no longa-metragem (*qual o uso das redes sociais, ao quê e a quem servem? Como a internet molda, possibilita e pulveriza a criação de subjetividades? De que maneira a acessibilidade midiática contribui para vigilância e controle da vida do sujeito?*). Não se optou por estruturar um roteiro que norteasse a discussão, a proposta inicial era de construir um espaço de escuta para a fala dos espectadores e que através de suas próprias colocações, emergissem temas de interesse atribuindo uma direção mais autônoma na discussão que se moldou no seu fazer, tentando minimizar com certa cautela a intervenção da mediação.

O filme correlaciona vida moderna, arquitetura e globalização. A trama filmada em 2011 na Espanha e Argentina narra à história de Martin e Mariana, que vivem muito perto um do outro, mas só vão se encontrar de fato numa sala de bate-papo virtual. Martin é *web designer* e perdeu o estímulo de viver, passa o dia inteiro em frente ao computador e mora com o cachorro da ex-namorada, que o deixou, num apartamento pequeno e quase sem janelas. Mariana é uma arquiteta frustrada que trabalha como vitrinista e vive num apartamento semelhante ao edifício de Martin. A cidade, Buenos Aires, atua como uma terceira protagonista e por sua arquitetura de prédios de todos os formatos apontam para as inúmeras vidas escondidas atrás das paredes de cada edifício. E é ai que surge o conceito do título. Medianeras é o nome dado às paredes sem janelas dos edifícios, justamente as que separam Martín e Mariana. Uma parede lisa, ocupada, muitas vezes, por propaganda. Um local despercebido, abandonado, fechado. Percebe-se que tal escolha no nome do filme carrega uma representatividade simbólica presente na constituição das cidades que acabam por intensificar o isolamento dos protagonistas pontuado na obra fílmica. A pergunta central do filme se pauta em uma analogia interessante com o livro *"Onde esta Wally?"* indagada pela personagem Mariana: "Se, mesmo sabendo quem eu procuro, não consigo achar… Como vou achar quem eu procuro se nem sei como é? (como encontrar o amor se não sabes onde esta?) Em uma época em que as pessoas, ao mesmo tempo, se aproximam e se afastam através da internet, como ficam as relações humanas? Seria a internet um meio facilitador ou apenas algo que nos dá a falsa sensação de que não estamos sós? Quais são os nossos desejos? Como encontrar nós mesmos no meio de tantas influências e desejos alheios? É partindo de questionamentos como esses que o filme retrata os relacionamentos atuais e a dificuldade do encontro diante da multidão.

A análise da discussão explicitou um interesse dos espectadores em debater e refletir a respeito dos usos das tecnologias/mídias e do ciberespaço e de como ambos podem de forma simultânea ser utilizado para fins relacionados à produção de subjetividades e exposição desmedida da intimidade. Tendo em vista que o longa retrata a trama de um relacionamento, a discussão permeou nesse foco e observou-se um interesse em por a prova a intensidade dos laços constituídos nas redes sociais, mesmo havendo um consentimento quase que unanime de que os envolvimentos e relacionamentos via internet afetam tanto quanto os construídos no convivo pessoal. Pontos divergentes foram expostos em relação as redes sociais, um espectador levantou o quão positivo as mídias podem ser para a vida, fundamentando sua colocação no conceito de McLuhan de tecnologias como próteses, tecnologias como extensão do sujeito o ampliando para o mundo. O que se verifica na própria fala do espectador

> "(...) agora você tem essa mobilidade essas coisas todas assim. Que é bem legal que é como se você também tivesse próteses né. A partir do momento que você consegue você tem a tecnologia, você tem alguma coisa que te possibilita ter o alcance maior. Você não se conforma em não ter. O que é você ter, por exemplo; o Whatsapp que você fala sem ter custo, quer dizer com custo, mas reduzido. Praticamente sinal você tem em qualquer lugar, você pode usar wiifi, você pode se conectar de qualquer maneira. Assim, como que eu tenho isso, e eu não uso?"

Outro espectador contrapõe tal atribuição positiva da mídia:

> "mas engraçado que você falou né 'suas próteses, como extensão de si.' Como você pode não ver, não falar e não ouvir? E tem uma colocação do Bauman que ele diz: 'Os *smartphones* treinaram os olhos a olhar sem ver.' Eu acho que é um pouco isso né" (participante do 2° CinePsi, 2014).

A fala referiu-se ao processo de alienação, fundamentando a colocação na modernidade líquida e fragilidade dos laços de Zygmunt Bauman, o quanto a insegurança inspirada por essa condição estimula desejos conflitantes de estreitar esses laços e ao mesmo tempo mantê-los frouxos. Tal discussão acabou por atribuir uma característica à mídia como algo que aproxima e afasta. Outro desdobramento levantado correlacionava às exigências de estar inserido nas novas mídias e como estar à margem ocasionava exclusão. Segundo a colocação da espectadora "Nós não temos *Whatsapp*. A gente veio conversando sobre isso né, o quanto é chocante. O quanto à sociedade te cobra essa prótese né. Quando você não tem..." (participante do 2° CinePsi, 2014), tal problematização levou a um questionamento: o acesso a tecnologia seria um indicativo de

felicidade? A questão provocou a elucidação com o exemplo do “curtir”, fenômeno do Facebook, e como tal lógica dita se alguém deixa de ser mais ou menos interessante, e que tal ferramenta seria um espaço para produzir mentiras e/ou fazer vitrine. Nesse ponto os espectadores são levados a refletir se tal exposição seria mesmo uma mentira ou uma faceta da verdade, já que o desejo de aplacar uma solidão contribui para uma constante produção de realidade de forma que haja uma aceitação ao olhar do outro.

A experiência da discussão obteve desdobramentos interessantes que tangenciaram desde arquitetura da cidade como isolamento, a medicalização retratada no filme como forma de anestesiar a angustia da qual não se dá conta bem como aos usos das mídias e seus produtos, porém apesar de haver esses enfoques observou-se um direcionamento na discussão do que é real e o que é virtual de forma a não se esclarecer se havia de fato uma distinção entre ambos, sendo necessário convidar os espectadores a pensar que virtual é tudo aquilo que existe em potência, que se atualiza e que não se opõe a real. O decorrer da discussão acabou por provocar questionamentos que se mantiveram em aberto referentes aos usos das mídias; Como potencializar essa nova linguagem? Se o uso é esse de postar foto e de dizer onde se está, que sociedade é essa que produz esse uso? Como produzir desejo e conciliar as tecnologias?

Avaliou-se a troca na discussão de forma bastante positiva, tendo em vista que o produto desse debate de ideias proporciona um acréscimo ao saber, e ao pensar a psicologia de forma a contribuir com a formação dentro de um panorama contemporâneo que interfere nas relações e vidas dos sujeitos.

O filme seguinte foi o Riso do Outro (de Pedro Arantes, 2012) que já soma mais de 1 milhão de visualizações no Youtube. Consiste em um documentário composto por entrevistas e trechos de programas humorísticos e apresentações de “*stand up comedy”,* estes que são utilizados como objeto da análise e crítica dos entrevistados. A pergunta central do filme é: Há limites para o humor? O discurso do filme se organiza de modo a defender que o humor brasileiro atual consiste de práticas preconceituosas e sempre voltados às minorias que terminam por perpetuar e fortalecer estereótipos, preconceitos geradores de violências de todas as ordens. Esses processos de estereotipação do outro são bastante comuns nas constituições de identidade que, de acordo com Silva (2000) em que o exagero na caracterização do outro é um modo

estabelecer diferenças e assim dar forma a identidade de um grupo que se constitui no contraste com o outro, estereotipado.

O reconhecimento desses processos, de como esses se apresentam no cotidiano brasileiro, foi uma motivação central para a escolha desse vídeo para o evento. Questões como: *O que é o humor? O humor é uma forma de preconceito? Que grupos são alvos/vítimas do humor? Como o humor é uma forma de criar o outro? O que o humor tem a ver com a política? Toda piada é valida? O humor deve ser beneficiado pela liberdade de expressão? Piadas devem ser censuradas? Caricatura, estereótipo, preconceito e violência, o humor precisa de uma vítima? O filme contribuiu para que você mudasse a forma de ver alguma das questões aqui discutidas? Em sua opinião, esse filme retrata a realidade? Vocês conseguem relacionar as questões abordadas no filme com alguma questão estuda na Psicologia? Você acredita que esse tema seja suficientemente discutido na sua formação?* Além dessas questões, levantamos outras que nos permitiram mapear a experiência dos espectadores com a obra fílmica de modo mais amplo.

A discussão explicitou os estereótipos e preconceitos dos participantes que riam das piadas apresentadas, mas, durante o debate afirmaram que as piadas que sentiam serem alvos não causava riso, causava incômodo. Inúmeros exemplos de situações em que os espectadores foram alvos de humor desse tipo foram citados por eles. Essa tomada de consciência também se dirigiu a refletir sobre a piada como um artifício para tornar socialmente aceito um preconceito que normalmente não seria, “é só uma brincadeira”. Os espectadores, quando já não faziam parte dos grupos alvo da das piadas (negros, gordos, homossexuais, mulheres, idosos e deficientes) facilmente se colocaram no lugar deles o que facilitou a percepção do humor como um artifício da produção de diferenças.

As reflexões sobre o humor e as práticas de exclusão chegaram também a ser debatidas em relação às práticas nas redes sociais. Foram citados diversos exemplos de discursos preconceituosos circulantes no Facebook sob a chancela de ser apenas humor, apenas brincadeira.

Os participantes da discussão, sobretudo os estudantes, reconheceram a importância dessas percepções para sua formação em psicologia. De modo geral, segundo eles, notar as estratégias mais refinadas de perpetuação de preconceitos é algo fundamental para o desenvolvimento das práticas psis. A escuta empática passa por reconhecer e aceitar o outro.

Foram citados vários exemplos circulantes na mídia e outros tantos casos de estudantes do curso, que apesar de estarem em contato direto com tópicos e estudo que os levaria a não desenvolver tais práticas de humor, seguiam estereotipando e excluindo colegas com base nas “brincadeiras”.

Nessa experiência foi possível notar como, apesar de presente em diversos pontos do conteúdo programático de disciplinas do curso de Psicologia, as práticas cotidianas de exclusão e desvalorização do outro não foram objetos de reflexão. Nesse sentido, a exibição e discussão do filme se configuraram como uma importante oportunidade de dar foco a questões por vezes esquecidas no estudo e nas práticas psis.

O filme escolhido para exibição do 4° CinePsi foi o Bicho de Sete Cabeças. A história do filme gira em torno do personagem Neto (Rodrigo Santoro), que acaba sendo internado por sua família em uma clínica psiquiátrica por ser usuário de maconha. O a escolha do filme teve como objetivo discutir o manicômio e explicitar a maneira como as pessoas eram “tratadas” dentro dessas instituições que enclausuravam o sujeito subjugando-os a um confinamento físico, químico e psicológico.

Um roteiro semiestruturado orientou a discussão do filme, que contou com a presença de 45 pessoas, dentre elas dois professores. As indagações contidas no roteiro buscavam discutir os seguintes temas: o sujeito, a instituição psiquiátrica, a família e a sociedade. Para discutir os temas propostos utilizamos as seguintes perguntas: *por quais problemas o protagonista passa? Em que momento do filme o protagonista fica louco? Como é o tratamento e os cuidados médicos? Como é a relação entre paciente e enfermeiro? Como é o tratamento? Como era a relação entre o protagonista e seus familiares? Como essa relação se transforma conforme a experiência manicomial ocorre? Como a família vivencia a internação? A loucura na sociedade ou a loucura da sociedade? Aspectos do tratamento e das internações, o médico é o monstro? O poder médico, suas relações políticos institucionais estimulam a alienação? O que faz com que o protagonista seja considerado e tratado como louco dentro do hospital? Como é o tratamento da loucura hoje? O que mudou? Como deveria ser?* As perguntas não foram feitas diretamente aos participantes. Serviram como uma orientação para os aspectos que gostaríamos de problematizar. Deixamos a conversa acontecer e provocamos com questionamentos quando julgamos pertinente.

Logo após o fim da exibição do filme um espaço para discussão foi aberto. A análise da discussão revelou que os comentários que os alunos fizeram percorreram por todos os pontos do roteiro pré-estabelecido, contudo alguns tomaram maior tempo da discussão, foram eles: questões relativas à dependência química e seu tratamento; a relação entre o sujeito internado e sua família; aspectos institucionais e sociais que atravessam a vida do "louco"; políticas públicas relacionadas ao tratamento direcionado aos usuários de droga; e os atuais dispositivos em saúde mental, que por vezes acabam por reproduzir a mesma lógica manicomial.

Os comentários que permearam a discussão da dependência química, de uma forma geral, foram no sentido de questionar se os remédios usados para combater a dependência química também não são um tipo de droga que tornam o sujeito dependente, nas palavras de um participante:

> "A partir do momento em que ele foi internado ele começa a viver meio que mais como um louco, a droga – remédio – começa a fazer mais efeito nele, e quando ele volta pra casa parece que ele tem uma crise de abstinência da droga." (Participante do 4° CinePsi, 2015).

Também se discutiu se o protagonista era mesmo um dependente químico ou um usuário de maconha.

No que tange as relações familiares os participantes discutiram o despreparo e a desinformação do pai do protagonista para manejar a situação em que seu filho se encontra. O ideal de normalidade do pai e a falta de proximidade dele com seu filho também fizeram parte do debate.

Sobre os aspectos institucionais e políticos que atravessam a vida dos que são considerados loucos algumas observações foram feitas pelos participantes. Uma delas diz respeito à maneira como o médico do filme se utilizava dos "loucos" como uma forma de atrair dinheiro para seu hospital psiquiátrico. Outro participante comenta que

> "Isso me faz pensar em quanta gente foi internada talvez por ter uma conduta desviante daquilo que a nossa moralidade conceitua como normal. Quantas mães solteiras foram internadas, quantos usuários de drogas foram internados, quantos incidentes políticos, comunistas foram internados." (Participante do 4° CinePsi, 2015)

Com isso ele evidência alguns dos aspectos políticos e institucionais que perpassam pela internação psiquiátrica.

No que diz respeito às políticas públicas que se relacionam com o tratamento dos usuários de droga algumas dúvidas foram levantadas pelos próprios alunos, essas dúvidas versavam sobre as novas maneiras de acolher o usuário. Portanto outras maneiras de acolhimento, como o consultório de rua e os CAPS, foram apresentadas como alternativas ao modelo de tratamento apresentado no filme. No entanto, um relato de que essas alternativas podem acabar reproduzindo o mesmo modelo excludente dos hospitais psiquiátricos foi feito.

Escolhemos esse filme na tentativa de discutir os pontos estabelecidos no roteiro semiestruturado, principalmente no tocante a reforma psiquiátrica, pois essa temática quase não é abordada pelo currículo oficial da universidade em que o grupo de pesquisa se situa. Apesar das expectativas de discussão do grupo de pesquisa, os estudantes trouxeram outras questões que emergiram como sendo mais significantes para ele, estas questões dizem respeito à dependência química; a relação entre usuário de saúde mental e sua família; aspectos institucionais, políticos e sociais que permeiam a vida do usuário de saúde mental; e as políticas públicas com as suas novas maneiras de acolher e tratar o usuário de saúde mental.

Um efeito interessante foi a promoção de um evento, pelo Diretório Acadêmico de Psicologia, um mês após a realização deste encontro, marcando o dia da Luta Antimanicomial. A proposta surgiu dos participantes do encontro que convidaram um psiquiatra e um psicólogo, o segundo compõe nosso grupo de pesquisa, para discutir a Reforma Psiquiátrica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensamos o CinePsi como um dispositivo, um aparelho que opera composto por “linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação, linhas de ruptura” (DELEUZE, 1990), e cada uma delas tem uma função específica dentro do dispositivo. Pensar o dispositivo CinePsi é desemaranhar estas linhas que o compõe, é “traçar um mapa, cartografar, percorrer terras desconhecidas, é o que Foucault chama de “trabalho em terreno”. É preciso instalarmo-nos sobre as próprias linhas, que não se contentam apenas em compor um

dispositivo, mas atravessam-no, arrastam-no" (DELEUZE, 1990, p159). Para tal é preciso que nós, enquanto realizadores, estejamos implicados no dispositivo, estando ciente que algumas destas linhas perpassam a direção dada na execução do CinePsi; é estar ciente que existe uma série de situações que compõe também o dispositivo enquanto agentes, por exemplo, o prédio da universidade, a sala onde é realizada, a presença do professor mediando a discussão, etc. Portanto estamos desemaranhando as linhas de um evento que já aconteceu, e assim pensamos o fazer psicologia.

A "linha de visibilidade" tem por função formar "figuras variáveis e inseparáveis deste dispositivo", isto é, ela dissolve as titulações da universidade – calouro-veterano e aluno-professor, diluindo assim expertise. As linhas de enunciação estabelecem estas posições diferenciais, definindo os "regimes de anunciações". Sendo assim as posições dos presentes na discussão ficam dispostas de forma livre, podendo falar de forma não só conceitual/acadêmica, mas também de forma menos disciplinada. As linhas de força são aquelas que estabelecem o formato do evento, o filme exibido e, em alguns casos – naqueles onde a discussão não avança pela iniciativa dos presentes – o roteiro da discussão. Esta linha de força não tem a função de estabelecer a discussão da verdade, apenas abrir para que o falar não cesse em determinado ponto.

Como resultado da junção destas três linhas, há uma terceira linha que entra no dispositivo, chamada de "linha de subjetivação". Esta linha permite que o dispositivo não funcione como um campo de força fechado e intransponível. Desta forma, quando uma força, ao invés de se confrontar com outra, ela volta para si mesmo afetando-se e criando novas possibilidades permitindo que os confrontos na discussão não cessem. Assim se configura um equipamento que tem por finalidade produzir discussões para fazer ver e pensar a Psicologia na UCP. E nestas linhas chegamos a novos lugares, tornando novas formas de saber possíveis. Isto ocorre devido a linha de subjetivação, que é produto da forma como os organizadores do CinePsi pensam e agem com o seu poder, pois ao colocar as linhas de força em confronto, reduzindo nossas expectativas e *expertises*, alcançamos efeitos interessantes no contexto institucional. Desta forma, "uma linha de subjetivação é um proces5so, uma produção de subjetividade num dispositivo: ela está pra se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o faça possível. É uma linha de fuga. Escapa às linhas anteriores" (DELEUZE, 1990, p.159). Esta linha de subjetivação, que não faz parte de toda forma de dispositivo, "não têm fórmula geral", e assim,

no Cine Psi os presentes na discussão experimentam uma produção de subjetividade que "escapam dos poderes e dos saberes de um dispositivo para colocar-se sob os poderes e os saberes de outro, em outras formas ainda por nascer". Sai-se do formato Professor-Aluno, e passa-se a fazer dos pontos de vistas novas formas de se falar e pensar a psicologia numa experiência que não é só de uma dimensão extracurricular.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, L. A. *A Cidade dos Sábios*. Editora Summus. São Paulo,1999.

DELEUZE, G. *Post-Scriptum sobre as sociedades de controle*. Em: Conversações. Editora 34. Rio de Janeiro, 1992.

_____. *¿Que és un dispositivo?* In: Michel Foucault, filósofo. Barcelona: Gedisa, 1990, pp.1 55-1 61. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

GUATTARI, F. e ROLNIK S. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Editora Vozes. 5ª edição. Petrópolis, 1999.

LATOUR, B. *Reensamblar Lo Social: uma introdución a la teoria actor-red.* Ediciones Manatial. Buenos Aires, 2008.

PASSOS, E; BARROS, R B. *A cartografia como método de pesquisa-intervenção.* Em: PASSOS, E. ; KASTRUP, V.; ESCÓSIA, L. (Orgs.). *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PRADO FILHO, K e MARTINS, S. *A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s)*. Psicologia Social, Porto Alegre, v.19, n.3, Dez. 2007.

ROLNIK, S. *Toxicômanos de Identidade. Subjetividade em Tempos de Globalização.* Em: Cultura e Subjetividade. Saberes Nômades. Editora Papirus: Campinas, 1997. Pg 19-24.

SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.